ARTIGO ORIGINAL

A CONCEPÇÃO DE HOMEM NA FILOSOFIA DE BLAISE PASCAL

Márlon Henrique Cunha[1]
Maria Paulina de Assis[2]

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a concepção de homem na filosofia do pensador francês Blaise Pascal, a partir da obra *Pensées*, buscando obter como resultado uma compreensão da verdadeira condição humana. O artigo foi realizado a partir da seleção e com a inclusão de artigos, livros e dissertação selecionados por meio do método de revisão narrativa de literatura. Todo esforço desta pesquisa, consistiu em apresentar os elementos antropológicos que fazem Pascal considerar o homem como um ser de grandeza e miséria, um rei sem trono, um caniço pensante, um tudo e um nada. Segundo Pascal, o homem traz impresso em si, no mais profundo de seu ser, as marcas de Miséria e Grandeza. Como ser miserável e limitado, o homem traz a marca do nada, do vazio – decadência originada de sua queda adâmica. Lutando contra isso, ele se mascara e como mecanismo de compensação procura através do divertimento (*divertissement*), a maior de suas misérias, livrar-se da visão de sua verdadeira condição. Sua grandeza reside no pensamento. Este o faz ter consciência de si, o eleva a uma condição superior aos demais seres terrenos, o auxilia no processo de reaproximação e reconquista dos laços perdidos com o Absoluto, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó. Em suma, o homem, quando exilado do Sobrenatural, faz-se um deus de si mesmo. Ao contrário, com Deus, ele se torna grande, porque se torna consciente da sua própria miserabilidade, condição para a graça que o faz novamente participante com Deus, sua verdadeira felicidade e realização.

PALAVRAS-CHAVE: Homem; Miséria; Grandeza; Nada; Divertimento.

ABSTRACT: This article aims to analyze the conception of man in the philosophy of the French thinker Blaise Pascal, based on his work *Pensées*, seeking to achieve an understanding of the true human condition. The article was developed based on the selection and inclusion of articles, books, and a dissertation identified through the narrative literature review method. The entire effort of this research consisted of presenting the anthropological elements that lead Pascal to consider man as a being of greatness and misery, a king without a throne, a thinking reed, an all and a nothing. According to Pascal, man carries within himself, in the deepest part of his being, the marks of Misery and Greatness. As a miserable and limited being, man bears the mark of nothingness, of emptiness. Struggling against this, he masks

[1] Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Endereço: Avenida Dr. Lamartine Pinto de Avelar, nº 1.120 - Setor Universitário – Catalão, GO – Brasil. CEP: 75704-020. Fone: (64) 3441-5366. E-mail: marlon.cunha@discente.ufcat.edu.br

[2] Pós-Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Endereço: Avenida Dr. Lamartine Pinto de Avelar, nº 1.120 - Setor Universitário – Catalão, GO – Brasil. CEP: 75704-020. Fone: (64) 3441-5366. E-mail: paulina@ufcat.edu.br

himself and, as a compensatory mechanism, seeks through entertainment (divertissement), the greatest of his miseries, to free himself from the vision of his true condition. His greatness resides in thought. This makes him self-aware, elevates him to a condition superior to other earthly beings, and assists him in the process of rapprochement and reconquest of the lost ties with the Absolute, the God of Abraham, Isaac, and Jacob. In short, when exiled from the Supernatural, man makes himself a god unto himself. Conversely, with God, he becomes great because he becomes aware of his own wretchedness, a condition for the grace that makes him once again a participant with God, his true happiness and fulfillment.

KEY-WORDS: Man; Wretchedness; Greatness; Nothing; Entertainment.

1. INTRODUÇÃO

O homem sempre se interessou por si mesmo. É claro que o interesse antropológico existiu desde sempre e não nasceu primeiramente como curiosidade científica, mas como resposta aos desafios e novidades que ele enfrentou na sua existência concreta. É exatamente a vida concreta do homem, com suas conquistas e insucessos, que fomentou a reflexão filosófica durante tantos anos, começando pelos sofistas, atravessando todos os períodos da história da filosofia, até chegar à contemporaneidade. Pascal se situa entre os pensadores que deu grande relevância ao problema antropológico.

A opção pelo pensador Blaise Pascal nasceu da percepção de que sua antropologia oferecia uma visão realista do homem e não somente uma visão otimista. Muitos pensadores, ao estudar o ser humano, exaltam, sobremaneira, a sua grandeza e ignoram completamente as suas deficiências e ambiguidades. Pascal, neste sentido, é muito mais completo e realista. E isso nos levou a escolhê-lo como pensador que nos acompanharia nesta grande empreitada acadêmica de estudo sobre o ser humano.

A filosofia de Pascal situa-se na França do século XVII, época de grandes transformações que marcaram a história onde as características determinantes da revolução científica se condensam e favorecem o surgimento de novos modos de pensar. É neste século que o nosso filósofo, de índole cristã, insurge contra o racionalismo e promove uma volta do homem para si mesmo, em busca de uma solução para a problemática do autoconhecimento, na perspectiva filosófica. Tempo dominado pela filosofia de Descartes que, juntamente com Pascal, são denominados “os dois maiores pensadores franceses do século XVII” (Santos, 1953, p. 207).

Uma das grandes transformações que marcou esse século foi o da nova interpretação do espaço: antes concebido como um universo ordenado, passa a ser visto como

um espaço indefinido, sem limites. No pensamento de Pascal, o desespero da separação entre Deus e homem fez refletir o impacto dessa mudança de perspectiva que o fez escrever: “o silêncio desses espaços infinitos me apavora”. Tão peculiar foi a visão da infinitização do espaço que nosso filósofo, influenciado por esta teoria, elaborará a famosa alternativa dos dois infinitos - grandeza e pequenez. Daí vem a visão trágica do homem em Pascal: onde posicionar o homem finito na nova concepção infinita do espaço? Pascal nos responderá apelando para a tragicidade e ambiguidade da vida humana.

O presente trabalho tem por objetivo levar o leitor a uma compreensão do homem em Pascal. Para isso, seguindo as pegadas do pensador, serão apresentados os elementos que fazem do homem um ser de condição miserável e trágica e, logo após, serão colocados em relevo os elementos antropológicos que constituem a grandeza do ser humano. E, assim, a partir de Pascal, mostrar-se-á que o homem tem que ter consciência de seus limites, pois essa é a condição única para que ele possa ver sua própria verdade: “o homem não passa de um sujeito cheio de erro, natural e indelével sem a graça” (Pascal, 1984, frag. 83).

O artigo foi realizado a partir da seleção e com a inclusão de artigos, livros e dissertação selecionados por meio do método de revisão narrativa de literatura (Rother, 2007; Brito; Oliveira; Silva, 2021). A abordagem de pesquisa é qualitativa, estando o texto dividido em três seções. Em que se procurou desvendar o homem como realmente é na concepção pascaliana, um ser paradoxal: Grande e Miserável. Buscou-se assim responder à inquietante e instigante pergunta fundamental da Antropologia Filosófica, a partir do grande pensador francês, a saber: O que é o homem?

O estudo aqui realizado constitui o resultado de uma árdua e prazerosa aventura compenetrada nas linhas dos *Pensées*[3] desse admirável filósofo. Vale ressaltar a escassez de bibliografia referente ao tema fato que interferiu no qualitativo de obras citadas neste texto. Isso se deve ao fato de haver pouco material sobre o autor em língua portuguesa (a maioria é em língua francesa), mas isso não nos foi um empecilho.

Fiel ao pensador e ao seu estilo filosófico, o presente estudo não tem a pretensão de apresentar todos os elementos da antropologia pascaliana, mas quer ser apenas uma tentativa de síntese dos elementos primordiais da concepção de homem deste autor, ciente de que muitos outros aspectos poderiam ter sido ressaltados e aprofundados.

[3] *Pensées* - Pensamentos, palavra francesa que intitula a obra de Pascal da qual nos servimos de obra-base.

2 DUALIDADE DO HOMEM EM PASCAL

Afinal, o que é o homem? Qual é a sua real natureza, sua real condição?

Essa questão antropológica nos incomoda e clama dentro de nós por uma resposta. Essa mesma inquietação que nos perturba ocupou, de forma ainda mais intensa, a mente do nosso filósofo Pascal que, de acordo com Santos (1953), depois de ter estudado por muito tempo as ciências abstratas, desgostou-se dessas e passou ao estudo do homem, surpreendendo-se com o pouco interesse dos estudantes com relação às questões antropológicas. Pascal ficou decepcionado na sua nova empreitada; percebeu que havia mais estudantes interessados em geometria do que em questões relativas ao ser humano.

> O estudo do homem não é agradável ao homem, falta-lhe a medida apropriada e a análise não o auxilia no seu intento. Por isso, afasta-se do homem como tema de estudo, valorizando o que lhe é exterior: a paisagem, as coisas, a natureza. Assim, torna-se possível que a ciência do homem, a sua integral compreensão, seja de todas a menos desenvolvida e a mais caótica. **E o homem desconhece o homem desconhecendo-se a si**. 'Ora a ordem do pensamento é começar por si'. É difícil a obediência a esta ordenação, porque o homem teme o abismo, a noite, a imensidade, o estranho e o absurdo. Mas não será maior absurdo temer-se a si próprio? (Santos, 1953, p. 203, grifo nosso).

Vamos iniciar, portanto, seguindo as diretrizes pascalianas, - pela ordem do pensamento- estudando o homem por ele mesmo. Voltemos à pergunta do início desse capítulo - *o que é o homem?* Deixemos que o próprio Pascal a responda, ele que, segundo Santos (1953), foi o mais vivo e mais notável pensador francês do século XVII.

> Afinal, que é o homem dentro da natureza? Nada[4] em relação ao infinito; tudo em relação ao nada; um ponto intermediário entre tudo e nada. Infinitamente incapaz de compreender os extremos, tanto o fim das coisas como o seu princípio permanecem ocultos num segredo impenetrável, e é-lhe igualmente impossível ver o nada de onde saiu e o infinito que o envolve (Pascal, 1984, frag. 72).

Resumidamente, para Pascal o homem não passa de mentira e hipocrisia, é um ser desprezível, dependente, imperfeito, um deus de si mesmo, repelidor de sua verdadeira condição, inconstante e inquieto. O ser humano é um ponto convergente de bem e de mal, digno de respeito e desprezo, instável e incerto, "não é anjo nem animal". É um ser naturalmente miserável! Mas é grande porque pensa, e o é, também, quando se reconhece miserável. Eis o homem pascaliano: grande e miserável! (Rocha, 2016).

[4] "O termo nada (*néant*) é usado por Pascal para traduzir a inconsistência do homem, sua precariedade. A incapacidade em que ele se encontra para descobrir sua origem e consequentemente seu fim. Nada (*néant*) não significa então não-ser, significa, segundo Pierre Magnard, 'de nenhuma família', 'de nenhuma nação'. Sem o conhecimento de sua origem, é interditado ao homem encontrar os fundamentos de sua existência" (Parraz, 2003, p. 2).

Para compreendermos a tragicidade da antropologia de Pascal, ou seja, para aprofundarmos nessa sua visão pessimista e paradoxal com a qual descreve o homem, marcado principalmente pelos traços de miséria e grandeza, devemos conduzir e fundamentar a sua análise antropológica até a teologia, de onde ele herdou a ideia cristã de queda, que influenciou decididamente na sua visão de homem como um ser miserável.

Na sua natureza sadia (antes da queda), no paraíso, o homem vivia em plena harmonia consigo mesmo "na medida em que vivia no seu plano essencial, pois na participação com a essência divina, ele se realizava também substancialmente" (Nascimento, 2006, p. 53). Devido ao pecado original (o orgulho humano, que o levou a querer igualar-se a Deus), o homem foi punido convertendo-se em deus de seu amor próprio – daí a origem da sua natureza enferma (ou miséria). Após a queda, não tendo mais o objeto verdadeiro de seu amor (Deus), o homem se encontra marcado pelo traço do vazio, vazio infinito deixado pelo abandono do ser infinito que o completava.

> No estado anterior à queda o que constituía o eu humano era a sua relação com Deus. Relação amorosa, em que o amor-de-si era considerado em relação ao amor de Deus, ou seja, o homem amava a si mesmo porque amava Deus. [...] Rompida a relação com Deus, perdido o objeto verdadeiro do amor, o homem, para preencher o vazio em sua capacidade infinita de amar, passou a amar a si mesmo com um amor desmedido, fazendo de si um Deus para si. Enquanto no estado anterior à queda havia uma proporção entre a capacidade de amar e o objeto amado, no estado presente há uma desproporção: o homem ama quase infinitamente um ser finito (Parraz, 2003, p. 3).

Com a queda adâmica, o homem perde sua segurança existencial, pois acontece a ruptura entre ele e o Ser por excelência: Deus. No lugar de Deus fica o terrível vazio, vazio este que o homem tenta de todas as formas preencher. Mas como preencher um vazio infinito com coisas finitas? Nessa angústia desesperada por algo que o complete, o homem se arremessa na busca de artifícios que possam preencher tal lacuna, sempre acompanhado pelo desproporcional amor próprio. O homem se ilude no divertimento! (Rocha, 2017).

Ancorados nessa breve explicação, queremos agora apresentar com maior exatidão e profundidade os traços gerais da concepção de homem no pensamento de Blaise Pascal. Adentremo-nos, pois, na sua obra *Pensées*!

3 A CONDIÇÃO MISERÁVEL DO SER HUMANO

3.1 A Situação Paradoxal do Homem

Para Pascal, o homem que se encontra diante do universo como um ponto no espaço deve aprender a refletir e a avaliar, de modo correto, as realidades físicas e sociais, mas principalmente a si mesmo.

> Que o homem, voltado para si próprio, considere o que é diante do que existe; que se encare como um ser extraviado neste canto afastado da natureza, e que da pequena cela[5] onde se acha preso, isto é do universo, aprenda a avaliar em seu valor exato a terra, os reinos, as cidades e ele próprio. Que é um homem dentro do infinito (Mauriac, 1967, p. 57).

O homem é para Pascal um ser paradoxal: é um nada em relação ao infinito, um tudo em relação ao nada. É, ao mesmo tempo, grande e pequeno, forte e fraco. Grande e forte, pois nunca abandona a exigência de uma verdade verdadeira, uma justiça justa e de um bem puro; pequeno e fraco porque ele jamais poderá chegar ou ao menos se aproximar desses valores. O paradoxo do homem se projeta em todas as esferas de sua realidade tanto na natureza, como na comunidade e em Deus: o mundo se torna paradoxal na medida em que é o único lugar que o homem exerce a tentativa da realização de valores absolutos, mas ao mesmo tempo se mostra contrário a todo absoluto, tanto no âmbito natural (natureza) como social. E Deus torna-se paradoxal para o homem, na medida em que se mostra e se esconde e como nos diz Pascal (1984), "há muitos sinais para negar sua existência e menos para prová-la". Assim, o caráter paradoxal do homem consiste em ele não poder nem determinar a verdade e também não se contentar com a verdade relativa. Ele é grande por sua insatisfação (busca da verdade) e pequeno pela impossibilidade de possuí-la (Rocha, 2016).

> Podemos dizer que Pascal aponta para toda a tragicidade de sua concepção, para a desproporção do estatuto do homem naquilo que apresenta o drama da existência, tudo e nada simultaneamente, mas com a aparente falta de sentido que torna mais aguda a visão trágica, [...] ele é 'infinitamente incapaz de compreender os extremos, tanto o fim das coisas como seu princípio permanecem ocultos num segredo, num segredo impenetrável' (Marques, 2002, p. 68).

O ser humano é um ponto intermediário entre dois extremos. Isso é uma característica estrutural do homem, envolve todo o seu ser. O problema maior é que, nem sempre, o homem toma consciência dessa sua condição paradoxal. Quando chega a

[5] Segundo Jordino Marques (professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Goiás), o texto em francês do fragmento acima citado, ao referir-se a cela, Pascal usa a palavra *cachot* cuja raiz é o verbo *cacher* e dá a entender muito mais que o aspecto de uma cela de religioso, mas sim uma prisão. "Como condenado em uma prisão, o homem considera a si mesmo e contempla o universo em enorme desproporção consigo. Pascal diz mesmo que o homem está preso numa cela" (Marques, 2002, p. 59).

consciência de si como ser real e concreto percebe-se, num primeiro momento, só um ponto intermediário sem fundamento.

Concentremo-nos em toda a natureza criada, a terra, o sistema solar, a galáxia, o universo, o infinito. Que é o homem em relação a tudo isso? Até mesmo o sistema solar "é apenas um traço imperceptível na amplidão da natureza, que nem sequer nos é dado conhecer mesmo de modo vago" (Pascal, 1984, frag. 72). Até mesmo o nosso planeta, conhecemo-lo realmente? Agora voltemo-nos para o homem em frente a tudo isso, o que ele é? Não passa de um ponto imperceptível! Um nada. Nada na sua contingência, sabe que poderia não ter nascido, e assim, não teria vindo ao mundo. Sente seu ser próprio escapar-lhe com o passar do tempo no fluir da vida para a única certeza humana que cada indivíduo deverá enfrentar por conta própria, o mistério da morte! Por quê? Porque o homem é tempo, tempo que se escoa, e nos dizeres de Pascal "é horrível sentir escoar-se tudo que se possui". Tudo nos é misterioso e "por mais que ampliemos nossas concepções e as projetemos além dos espaços imagináveis, concebemos tão somente átomos em comparação com a realidade das coisas" (Pascal, 1984, frag. 72).

Mas o homem também é um tudo, mas em relação ao nada. Pascal (1984) tenta nos demonstrar isso no exemplo da lêndea. Um ser minúsculo, que contém partes ainda mais minúsculas: articulações, veias etc. que se dividirmos essas partículas chegaremos a um ponto que a capacidade humana se esgotará e ele a julgará como a menor partícula da natureza[6]. Mas nosso filósofo deixa ver que nessa partícula há uma imensidão:

> Quero pintar-lhe não somente o universo visível, mas também a imensidão concebível da natureza dentro dessa parcela de átomo. Aí existe uma infinidade de universos, cada qual com seu firmamento, seus planetas, sua terra em iguais proporções às do mundo visível; e nessa terra há animais e neles essas lêndeas, e que voltará a encontrar o que nas primeiras observou (Pascal, 1984, frag. 72).

Assim também é o homem na concepção pascaliana, ele é, analogicamente, essa lêndea, ou seja, em sua pequenez e imperceptibilidade se torna "um colosso, um mundo, ou melhor, um todo em relação ao nada a que não se pode chegar" (Pascal, 1984, frag. 72). E mais adiante o filósofo aponta:

[6] É interessante citar que antigamente o átomo era tido pelos filósofos gregos e também como sugeria o exemplo de Dalton como indivisível, mas em 1887 o cientista inglês, Joseph John Thomson (1856 – 1940), descobriu que o átomo continha partículas menores que foram denominadas elétrons. O cientista alemão Eugene Goldstein descobriu após isso outra partícula subatômica – o próton (Peruzzo; Canto, 1998, p. 80). Agora fica a pergunta: quem negaria a hipótese de essas novas partículas serem subdivididas e assim terem outras menores ainda e assim por adiante como suspeitava Pascal?

> Quem assim raciocinar há de apavorar-se de si próprio e, considerando-se apoiado na massa que a natureza lhe deu, **entre esses dois abismos do infinito e do nada**, tremerá à vista de tantas maravilhas; e creio que, transformando sua curiosidade em admiração, preferirá contemplá-las em silêncio a investigá-las com presunção (Pascal, 1984, frag. 72, grifo nosso).

Apavorar, admirar e contemplar. Isso é o que o homem pode fazer, pois não pode conhecer nada[7], são só presunções! Aliás, não conhece nem seu princípio nem seu fim, não sabe de onde veio e nem para onde vai. Acha-se no meio de uma realidade cujo porquê lhe é desconhecido.

Segundo Pascal (1984), os homens são limitados em tudo, tanto intelectualmente quanto fisicamente. A inteligência humana ocupa o espaço semelhante ao que o seu corpo ocupa na magnitude da natureza (um campo muito pequeno, para não dizer insignificante.). "E o pouco que temos de ser (e por ser limitada) impede-nos a visão do infinito" (Pascal, 1984, frag. 72). O homem é limitado fisicamente, pois não é necessário que o universo inteiro o esmague, basta um vapor de água para matá-lo, um vírus, uma bactéria, seres microscópicos e até mesmo pequenos insetos têm a capacidade de findar a vida do homem. Ele é tão sensível que mesmo uma folha de papel pode feri-lo. Para mostrar esta fragilidade física do homem, Pascal (1984) afirma que "sons muito altos nos ensurdecem, luz muito forte cega-nos, demasiada distância ou proximidade nos impede de ver, verdade descomedida assombra-nos, assim também como o excesso de prazer. Qualidades excessivas são nossas inimigas" nos diz ele: frio e calor intenso nos fazem sofrer, demasiada juventude ou velhice tolhem o espírito.

Além dessa debilidade física, o homem possui também a limitação intelectual. Ele não possui nenhuma segurança no processo de conhecimento, não consegue saber com exatidão, pois falta-lhe uma base segura onde possa se apoiar.

> Ardemos no desejo de encontrar uma plataforma firme e uma base última e permanente para sobre ela edificar uma torre que se erga até o infinito; porém, os alicerces ruem e a terra se abre até o abismo. Não procuremos, pois, segurança e firmeza. Nossa razão é sempre iludida pela inconstância das aparências e nada pode fixar o finito entre os dois infinitos que o cercam e dele se afastam (Pascal, 1984, frag. 72).

Diante das suas fragilidades, das suas limitações e das suas debilidades, o homem se vê perdido, incerto, assustado e sem uma base segura. Olhando para si próprio já é possível

[7] Sócrates o mais sábio de todos os sábios já dizia: "Só sei que nada sei", Aqui ele revoga a ignorância ao perceber que não sabe nada de tudo quanto sabia. A sabedoria não está em saber, mas saber que não se pode ter um saber absoluto. "As grandes almas, as quais, tendo percorrido tudo o que os homens podem saber, verificam que não sabem nada e se descobrem nessa mesma ignorância de que partiram" (Pascal *apud* Castro, 1998, p. 980).

reconhecer tudo isso. Quando ele se volta para o insondável, o infinito, toda a sua condição de miserabilidade e insegurança se torna ainda mais evidente. Tudo se cala e se torna obscuro e "esse silêncio eterno desses espaços infinitos o apavora" (Mauriac, 1967, p. 63).

Diante dessa situação, o homem se mascara, não quer ver o que ele é por natureza, pois isso o incomoda, o horroriza e o faz sofrer. Como fuga dessa condição estrutural e existencial, procura enganar não só a si, mas também aos outros. O homem tem aversão a sua condição de miserabilidade e procura em vão destrui-la ou negá-la.

> Quer ser feliz e acha-se miserável; quer ser perfeito e acha-se cheio de imperfeições; quer ser o objeto do amor e da estima dos homens, e vê que seus defeitos só merecem deles aversão e desprezo. Esse embaraço em que se acha produz nele a mais injusta e criminosa paixão que se possa imaginar; pois concebe um ódio mortal contra essa verdade que o repreende e o convence de seus defeitos. Desejaria aniquilar essa verdade e, não podendo destruí-la em si mesmo, a destrói quanto pode em seu conhecimento e no dos outros; isto é, põe todo o seu cuidado em encobrir os próprios defeitos a si mesmo e ao outros, e não suporta que o façam vê-los, nem que os vejam (Pascal, 1984, frag. 100).

Nesse ponto, os homens passam a odiar a verdade sobre si mesmos e a repudiá-la; pois eles amam-se a si mesmos, embora sejam cheios de defeitos e misérias. Esse é o ***amor próprio*** do qual nos fala Pascal. Segundo ele, os homens odeiam repreensões, pois essas ferem seu amor próprio e é por isso que quando alguém os repreende faz tantos rodeios para não os ferir; e mesmo assim demonstram certo despeito contra os que assim o fazem (Pascal, 1984). E quando alguém quer, pelos homens ser amado, procura de todas as formas agradá-los. Assim, pois, nos diz Pascal:

> odiamos a verdade, a verdade nos é ocultada; desejamos ser adulados, adula-nos; gostamos de ser enganados, engana-nos. [...] Assim, a vida humana nada mais é que uma perpétua ilusão; não fazemos outra coisa senão nos enganarmos e adularmos mutuamente. Ninguém fala de nós em nossa presença como fala em nossa ausência. [...] O homem não passa, portanto, de disfarce, mentira e hipocrisia, tanto em face de si próprio como em relação aos outros. Não quer que lhe digam verdades e evita dizê-las aos outros; e todos esses propósitos, tão alheios à justiça e a razão, têm em seu coração raízes naturais (Pascal, 1984, frag. 100].

De acordo com Pascal, a relação que se dá entre os homens é de mútuo engano, por isso poucas amizades vingam. Ele afirma que se os homens soubessem o que os outros dizem deles uns para os outros – mesmo quando falam com sinceridade e sem paixões – não haveria quatro amigos no mundo; isso se percebe "pelas querelas que provocam as indiscrições ocasionais" (Pascal, 1984, frag. 101). Como percebemos, a mentira, a hipocrisia e o disfarce fazem parte da vida do homem que foge de si mesmo.

Todos os homens são iguais, semelhantes na miséria. Tanto o grande homem quanto o pequeno, tanto o rei, quanto os seus súditos. Eis, pois, mais uma das misérias humanas, os vícios, "que se apegam a nós através de outros e que, retirado o tronco, caem como galhos" (Pascal, 1984, frag. 102). Para Pascal é irônico pensar que não temos os vícios dos homens comuns, quando temos também os dos grandes homens (da história). Na verdade, todos os homens viciosos estão num mesmo patamar,

> unem-se ao que se encontram mais baixo por um ponto qualquer. Não estão suspensos no ar, inteiramente abstraídos da nossa sociedade. Não, não. Se são maiores do que nós, é que têm a cabeça mais elevada; mas têm os pés tão baixo quanto os nossos. Estão todos no mesmo nível e se apoiam na mesma terra; e, por essa extremidade, encontram-se tão baixo quanto nós, quanto os menores, quanto as crianças, quanto os animais (Pascal, 1984, frag. 103).

E mais, os homens estão sempre à procura da felicidade, do prazer, mas nunca estão satisfeitos com o estado em que se encontram. Sempre querem mais e mais, são insaciáveis: o pobre quer estar rico; o rico quer ser mais rico ainda. E quando atingem o prazer desejado não se é feliz, pois a natureza do homem é insaciável em sua concupiscência. O homem deseja ardentemente sempre mais! Esse aspecto realça também a condição miserável do homem que está sempre insatisfeito e à procura de algo que preencha o seu vazio interior (Rocha, 2017).

> Tornando-nos a natureza sempre felizes em todos os estados, nossos desejos fantasiam um estado feliz, porque juntam ao estado em que estamos os prazeres do estado em que não estamos; mas, se alcançássemos esses prazeres, ainda assim não seriamos felizes, por quanto teríamos outros desejos de acordo com o nosso novo estado (Pascal, 1984, frag. 109).

Falta-lhe o sentido da vida, o homem almeja a felicidade, mas não a encontra. Talvez fosse isso a causa de no mundo de hoje vermos estampado nos jornais e revistas e nos outros meios de comunicação de massa os altos índices de suicídio, de depressão - a doença da alma; o mal do século - assassinatos extermínios, o uso de drogas etc.

3.2 O Divertimento como Manifestação Máxima da Miséria Humana

Segundo Blaise Pascal, a maior manifestação da miséria humana é o *divertissement*[8]; que em linguagem pascaliana expressa a fuga de si, ou melhor, o medo de si.

[8] "O termo *divertissement*, por sua vez, tinha um forte caráter militar: desviar de inimigos, manobras estratégicas. Podemos traduzir esse termo como: desviar de obstáculos indesejáveis, divertir-se, alienar-se.

O divertimento é a única coisa que a criatura humana pensa que a pode consolar. O divertimento é miséria, pois nele o homem procura refúgio, evita-se, assim, de pensar em si mesmo; no que realmente ele é; miserável! O divertimento "é uma fuga diante da visão lúcida e consciente da miséria humana" (Reale, 1990, p. 620), é um mecanismo de compensação, sem ele os homens ficariam desgostosos, tediosos. Esses adjetivos revelam a nulidade do ser do homem, principalmente o tédio que é o sentido do nada humano e esse sentido pesa consequentemente numa tristeza insuportável. Daí a inconstância, a busca de mudança – o *divertissement* (Oliva, 2021; Martins, 2023). 'Por isso, Pascal diz ter descoberto "que toda a felicidade dos homens vem de uma só coisa, que é não saberem ficar quietos dentro de um quarto" (Pascal, 1984, frag. 139). Se a condição do homem fosse realmente feliz, então ele não precisaria deixar de pensar para sê-lo. Mas como não é essa a sua verdadeira condição, pensar em si torna-se um tormento para ele:

> Nada é mais insuportável ao homem do que um repouso[9] total, sem paixões, sem negócios, sem distrações, sem atividade. Sente então seu nada, seu abandono, sua insuficiência, sua dependência, sua impotência, seu vazio. Incontinente subirá do fundo de sua alma o tédio, o negrume, a tristeza, a pena, o despeito, o desespero (Pascal, 1984, frag. 131).

Esses sentimentos de que nos fala Pascal, de "insuficiência, impotência, vazio", seriam hoje o que comumente as pessoas se expressam com a frase: - não gosto de ficar sozinho (ou sem fazer nada) para não pensar bobagem, por isso procuro me distrair. Na verdade, quando tal estado se apodera do homem, ele procura se distrair dele, porque pensar na verdadeira condição lhe causa mal. O homem vive sempre ocupado ou entregue à diversão, há sempre o medo de ficar só consigo mesmo, de olhar para dentro de si. O homem teme sua própria natureza. E quando refletimos - Pascal nos diz em seus *Pensées*,

> mais de perto no assunto, e quando, depois de haver encontrado a causa de todas as nossas infelicidades, quis descobrir-lhes a razão, achei que há uma muito efetiva, que consiste na infelicidade natural de nossa condição fraca e mortal, e tão miserável, que nada nos pode consolar, quando nela pensamos de perto. (Pascal, 1984, frag. 139).

Assim, o divertimento é a forma privilegiada que o homem encontra para desviar o olhar de si mesmo, pois o seu eu verdadeiro, que traz a marca do nada, o traço do vazio, lhe é insuportável" (Parraz, 2003, p. 2).

[9] O repouso aqui é distinto do repouso como comumente se entende - como descanso. Para Pascal seria o estado em que o homem se volta totalmente para si num ato de se autoconhecer; o que o leva a se desligar das coisas externas para assim reconhecer sua incondicional natureza miserável.

Miseria miseriorum: o divertimento! De acordo com Pascal (1984), até o rei, acompanhado de todas as satisfações que este cargo lhe confere, se tirar-lhe os divertimentos, favorecendo-lhe voltar-se para si mesmo, para sua real condição humana, ele também se tornará uma pessoa infeliz, porque descobrirá a sua verdadeira condição humana: a miserabilidade. Desse modo, nos relata nosso filósofo, sua felicidade não se sustentará mais. E o rei perceberá as coisas que o ameaçam: as revoltas, as moléstias e a morte. Sem o divertimento, o mais nobre dos nobres será infeliz, mais infeliz que o mais ínfimo de seus súditos que se diverte. Sem o divertimento, o rei tomará consciência de que é tão miserável quanto qualquer escravo de seu reino e isso lhe causará grande angústia. Daí a busca constante de pequenos divertimentos: festas, caças, guerras. O homem, inclusive o mais nobre, vagueia de diversão em diversão, acreditando com isso esconder-se de si mesmo, da sua miséria.

> Assim aquilo que o homem julga ser sua felicidade, transforma-se em aguilhão que o excita a se lançar fora de si para não ver seu eu verdadeiro. O divertimento torna-se então necessário par um ser que carrega a marca do nada, o traço do vazio. Estar ocupado o tempo todo é o único modo que o homem encontra para não pensar em si mesmo, para livrar-se da angústia (Parraz, 2003, p. 4).

Os jogos, as guerras, as conversas com as mulheres, os cargos importantes, enfim, todos os prazeres são maneiras de o homem fugir de sua condição miserável. Na verdade, não é dinheiro que ele consegue jogando, nem a companhia das mulheres, nem a caça que persegue que o homem deseja, mas sim a agitação, a distração, o ruído, ou seja, os desvios que lhe impedem de pensar na sua real condição. E Pascal acrescenta:

> não que tenha felicidade nessas coisas, nem que se imagine que a verdadeira beatitude consista em se ter o dinheiro que se pode ganhar no jogo, ou na lebre que se persegue: nada disso nos interessaria se nos fosse oferecido. Não é essa vida mole e tranquila, que nos deixa tempo para pensar na nossa infeliz condição, que procuramos; como não são os perigos da guerra, nem os aborrecimentos dos empregos; **é o ruído, que nos desvia de pensar na nossa condição e nos diverte**. Daí amarem tanto os homens o ruído e a agitação; daí ser a prisão um suplício tão horrível; daí o prazer da solidão se tornar uma coisa incompreensível. E daí, por fim, ser o maior objeto de felicidade da condição dos reis essa preocupação constante dos outros em diverti-los e em proporciona-lhes toda espécie de prazeres (Pascal 1984, frag. 139, grifo nosso).

O homem, de acordo com Pascal, tem um duplo instinto secreto: o primeiro é que de certa forma procura o "repouso", mas tem um outro instinto que o leva a procurar o *divertissement*. Desses dois contrários gera o intento confuso, que impede a criatura humana de ver o fundo de sua alma; levando-a a procurar o "repouso" pela agitação, pensando assim,

que a satisfação advirá, o que não ocorre. Poderá ocorrer que, após superar algumas dificuldades, o homem consiga "abrir uma porta ao repouso", mas daí é que vem o grande inimigo, o tédio (sentido do nosso nada); que por mais que nos sentíssemos seguros, o tédio não deixará de exercer sua autoridade saindo do coração do homem "onde tem raízes naturais" para espalhar seu veneno. Por conseguinte, Pascal irá afirmar que o homem é tão infeliz que se aborreceria mesmo sem motivo algum. Tal aborrecimento teria sua origem na própria compleição humana, "e é tão vão que, estando cheio de mil causas especiais de tédio, a menor coisa, como um taco e uma bola que empurra, basta para diverti-lo" (Pascal, 1984, frag. 139).

E interessante sublinhar que não é só o divertimento em si que o homem procura, ao se divertir ele procura algo mais: ilusão. Para ilustrar tal afirmação usaremos um exemplo dado pelo próprio Pascal (1984): imaginemos que um homem que joga um pouco de dinheiro todos os dias (passou a vida toda sem tédio, pois viveu no *divertissement*), imponha-lhe a condição de não jogar, e dê-lhe a quantidade de dinheiro que provavelmente ele iria conseguir jogando diariamente. Ele, com certeza, se tornaria infeliz! No divertimento o homem procura algo mais, não são as coisas que ele busca, é a própria busca e nessa busca ele aviva suas paixões. Assevera Pascal:

> Não é, portanto, só o divertimento que ele procura: um divertimento mole e sem paixão o aborrecerá. É preciso que se entusiasme e se iluda a si mesmo, imaginando que seria feliz ganhando o que não desejaria que lhe dessem a fim de não jogar, a fim de formar para si próprio um motivo de paixão e exercitar com isso seu desejo, sua cólera, seu temor ante o objeto que ele mesmo criou, como as crianças que se assustam diante do rosto que elas próprias lambuzam de tinta (Pascal, 1984, frag. 139).

Porquanto, se não houver divertimento não haverá alegria e se há alegria o divertimento estará presente. Por mais infeliz e triste que um homem esteja, se conseguirmos com que ele se divirta, com uma bola de bilhar, por exemplo, por aquele instante será feliz; como a um homem que perdeu seu filho – e que está atormentado pela dor- se conseguirmos distrai-lo, ele estará isento dos pensamentos penosos e inquietantes. E por mais feliz que um homem seja, se não estiver se divertindo, se não estiver ocupando, impedindo assim o tédio de dominá-lo; logo será infeliz.

Mas o homem não se contenta apenas com os divertimentos, estes somente não são capazes de encobrir suas misérias, o homem quer ser amado. Mas como quer ser amado não sendo digno de amor? Sabendo que é imperfeito e cheio de fraquezas e recusando a enxergar tal verdade, ele se mascara e por isso esconde de si e dos outros o que realmente é,

um ser miserável e cheio de erros. Desse modo, o homem finge para que na ideia dos outros possa ser outro. Não se contenta pelo que é e esforça-se para criar uma imagem sua que na verdade não é. E, assim, vive num movimento incessante, confeccionando para si e para os outros, com o impulso da vaidade, uma máscara, uma falsa grandeza, que esconde a sua miséria inconfessável. Sendo assim,

> o homem ama demasiadamente a si, mas não suporta a si mesmo. É preciso 'criar um engodo para si mesmo' para desviar a consideração de si [...] vê suas misérias, fraquezas e imperfeições. Ele percebe assim que seu eu não é merecedor de amor. Necessário se faz esconder o eu verdadeiro de si e dos outros. [...] É preciso preencher o vazio do eu. Para entanto, não bastam então somente as ocupações constantes. Necessário se faz atrair a admiração e a estima alheia (Parraz, 2003, p. 6).

E mais, se o homem tem algumas virtudes (tranquilidade, generosidade, fidelidade etc.), apressa-se em demonstrá-las para que elas, juntando-se à sua falsa imagem que criou, ganhem reputação e admiração por parte de outrem. Quem, por exemplo, é inteligente faz tudo para mostrar aos outros que sabe; é só ter uma oportunidade para se exibir. Eis o objetivo de vão comportamento: o de se gabar!

> Por isso, também outros suam em seus gabinetes para mostrar aos sábios que resolveram um problema de álgebra que ainda ninguém resolvera; e muitos outros se expõem a perigos extremos para se gabarem em seguida de uma praça que tomaram. [...] em minha opinião; e, enfim, outros se matam para notar essas coisas, não para se tornarem avisados, mas somente para mostrar que as sabem; e esses são os mais tolos (Pascal, 1984, frag. 139).

Em tudo o homem procura ser admirado, anseia por admiradores, mesmo que sejam poucos. É vaidoso e, segundo Pascal, até um soldado, um criado, um cozinheiro, um malandro, um filósofo... Todos se gabam por ter admiradores. Por não suportar a sua miséria e infelicidade, o homem procura se distrair e desviar o olhar daquilo que constitui sua mais autêntica profundidade, sua real condição miserável. Quer ser grande e é pequeno, quer ser admirado, mas não é digno; trabalha incessantemente para embelezar e conservar seu eu imaginário e negligencia o eu verdadeiro. Como nos dizeres do autor do Eclesiastes no início do capítulo primeiro: Vaidade das vaidades, tudo é vaidade!

> Somos tão presunçosos que desejaríamos ser conhecidos por toda a terra, e até pelas pessoas que vierem quando nela não estivermos mais, e somos tão vãos que a estima de cinco ou seis pessoas que nos cercam nos diverte e nos contenta. [...] e eu, que escrevo isso, talvez tenha essa vontade, e talvez os que me lerem (Pascal, 1984, frag. 150).

Como vimos, é verdade que o *divertissement* é a maior das misérias humanas, porque impede o ser humano de olhar para sua condição miserável. “Não tendo conseguido curar a morte, a miséria, a ignorância, os homens lembraram-se, para ser felizes, de não pensar nisso” (Pascal, 1984, frag. 168). No entanto, o orgulho, a vaidade, o desejo de estima e a inconstância estão, também, de certo modo, enraizados em seu ser e demonstram também a sua condição de miserável. Mesmo que tenha feito uma escolha pela felicidade (ainda que passageira), seus atos, seus comportamentos demonstram sua miséria. Por isso, o ser humano vive na ignorância, na mediocridade e “apesar de tudo mostra-se satisfeito nesse estado, faz dele profissão e dele se gaba. [...] pois eis aqui como raciocinam os homens, quando preferem viver nessa ignorância do que são e sem procurar esclarecimento. ‘Não sei’, dizem eles...”. (Mauriac, 1967, p. 51). E se contentam assim no divertimento.

> A diversão diverte, desviando-nos do reto caminho. Ela não é uma alternativa digna do homem. Se o homem lança-se à confusão e deixa-se perturbar, está renunciando precisamente à sua dignidade, além de renunciar àquelas verdades às quais só o pensamento pode levar. E o pensamento leva à verdade essencial de que o homem é constitutivamente indigente e mísero (Reale, 1990, p. 621).

Apesar do quadro pessimista e trágico traçado até o momento, o homem pascaliano não é só miséria. O simples fato de poder ter consciência da sua condição e de ter o desejo pleno de ser o que não possui faz constituir a marca de sua grandeza; na verdade o homem é um misto de miséria e grandeza. Segundo Pascal, o homem é esse ponto de convergência dessas realidades.

4 O PENSAMENTO COMO GRANDEZA DO HOMEM

O autoconhecimento que nos propõe Pascal não é somente no nível psicológico, mas ontológico. Conhecer-se a si mesmo é tomar consciência da condição a que todos os seres humanos estão submetidos. Segundo Pascal, “é preciso conhecer-se a si mesmo”, e é exatamente nessa busca e capacidade de se auto conhecer como miserável e pequeno que reside a grandeza do ser humano. “A grandeza do homem é grande na medida em que ele se reconhece miserável. Uma árvore não sabe que é miserável. É, pois, ser miserável reconhecer-se miserável; mas é ser grande saber que se é miserável” (Pascal, 1984, frag. 397).

Somente o homem pode ter consciência de si, de sua miséria. Sendo assim, a grandeza do homem reside no pensamento: “Nossa dignidade consiste, portanto, no pensamento. Então devemos nos elevar, e não do espaço e da duração, que não poderíamos

preencher. Assim, trabalhemos para bem pensar, eis o princípio da moral" (Pascal, 1984, frag. 347). Sobre a grandeza do pensamento humano, acrescenta Sciacca:

> La grandeza del pensamiento reside en la conciencia de la propia miseria. El hombre sabe que es miserable: 'es, pues, miserable en cuando tal, pero es sublime porque lo sabe'. El hombre es grande porque se reconece desgraciado. La piedra arrastrada por la corriente, la hoja tragada por el abismo, el árbol arrancado por el huracán siempre son lo que son (piedra, hoja, árbol), sin conciencia de su miseria (Sciacca, 1955, p. 182).[10]

O homem é grande, pois sua consciência reside em saber que é miserável: "O homem não passa de um caniço[11], o mais fraco da natureza, mas é um caniço pensante. [...] mesmo que o universo o esmagasse, o homem seria mais nobre do que quem o mata, pois sabe que morre e a vantagem que o universo tem sobre ele: o universo desconhece tudo isso". (Pascal, 1984, frag. 347). A grandeza do homem consiste nisso: de todas as coisas existentes ele é o objeto mais prodigioso de todas – o ser soberano do universo; porque possui a faculdade do pensar e esta o leva a ter consciência de si. Isso o difere de todas as coisas e o posiciona em privilegiado patamar. Embora o universo seja infinito e grandioso, o homem é ainda maior que ele (não fisicamente falando), pois o homem sabe de si e o universo disso nada sabe. De acordo com o que nos diz Pascal, "pelo pensamento eu o abarco", e acrescenta nosso filósofo: "Posso conceber um homem sem mãos, pés, cabeça (pois só a experiência nos ensina que a cabeça é mais importante do que os pés); mas não posso conceber o homem sem pensamento: seria uma pedra ou um animal" (Pascal, 1984, frag. 339).

Paradoxo pascaliano! Miséria e grandeza; – agora nos parece que a condição trágica do homem começa a suavizar-se. Ele, o homem, ao mesmo tempo que é um amontoado de misérias, é também, por causa do pensamento, o ser mais grandioso:

> A grandeza do homem é tão visível que se tira mesmo de sua miséria. Porque, ao que é natureza nos animais nós chamamos miséria no homem; por onde reconhecemos que, como a natureza é hoje semelhante à dos animais, ele caiu de uma natureza melhor, que lhe era própria outrora. Pois quem se acha infeliz por não ser rei senão um rei destronado? (Pascal, 1984, frag. 409).

Pascal considera o pensamento, a capacidade de ter consciência de si, o sinal máximo da grandeza do homem. A filósofa Sofia Rovighi (2002) nos alerta que Pascal,

[10] "A grandeza do pensamento reside na consciência da própria miséria. O homem sabe que é miserável: 'é, pois, miserável enquanto tal, mas é sublime porque ele sabe que o é'. O homem é grande porque se reconhece miserável. A pedra arrastada pela correnteza, a folha levada pela imensidão, a árvore arrancada pelo furacão sempre são o que são (pedra, folha, árvore), sem consciência de sua miséria (Tradução livre).

[11] O termo "caniço", nos dizeres de Pascal tem seu sentido literal: um junco, *un roseau* (Rovighi, 2002, p. 159).

mesmo concordando com Descartes sobre o fato da grandeza humana residir no pensamento, tem uma diferença substancial com relação ao filósofo que o precedeu: Descartes tem uma visão muito positiva do cogito, da capacidade pensante do ser humano; Pascal, ao contrário, parece atribuir ao pensamento uma função puramente negativa: faz com que o homem conheça sua finitude, sua miséria. Mas, como veremos a seguir, é com o reconhecimento da miséria que o homem se torna miserável e é grandeza reconhecê-la para que o homem alcance a graça divina. Eis aqui mais um paradoxo pascaliano.

Segundo Pascal, "o homem não é nem anjo nem animal" (Pascal, 1984, frag. 358). Há aqueles que, querendo se tornar anjos, convertem-se em animais, isso se dá porque a razão ou o pensamento somente por si mesmo não é suficientemente capaz de levar o homem à perfeição. No homem há a luta entre a sua animalidade (paixões) e sua razão; há aqueles que quiseram renunciar as paixões e tornar-se deuses e há aqueles que quiseram renunciar a razão e tornar-se animal:

> Essa guerra interior da razão contra as paixões fez que os que quiseram ter a paz se dividissem em duas seitas: uns quiseram renunciar as paixões e tornar-se deuses; outros quiseram renunciar à razão e tornar-se brutos. Nem uns nem outros, porém, o conseguiram; e a razão subsiste e acusa a baixeza e a injustiça das paixões e perturba o repouso dos que a elas se abandonam; e as paixões estão sempre vivas nos que querem renunciar a elas (Pascal, 1984, frag. 413).

As duas tendências fracassaram; a razão continua a acusar as paixões e estas ainda continuam a turvar a razão. Isso porque no plano natural, esse conflito entre essas duas realidades estruturais humanas não é possível de ser superado. Essas duas tendências estruturais do ser humano são explicadas por Pascal mediante o conhecimento teológico.

> **Todos os homens procuram ser felizes; não há exceção**. Por diferentes que sejam os meios que empregam, tendem todos a esse fim. O que leva uns a irem para guerra e outros a não irem é esse mesmo desejo que está em todos, acompanhado de diferentes pontos de vista. A vontade nunca efetua a menor diligência, senão com esse objetivo. Esse é o motivo de todas as ações de todos os homens, até mesmo dos que vão enforcar-se. E, no entanto, depois de tão grande número de anos, nunca ninguém, sem a fé, chegou a esse ponto a que todos visam continuamente. Todos se lamentam: príncipes, súditos, nobre, plebeus; velhos, jovens; fortes, fracos; sábios, ignorantes; sãos, doentes; de todos os países, de todos os tempos, de todas as idades e de todas as condições (Pascal, 1984, frag. 425, grifo nosso).

Todos os homens procuram a felicidade a qualquer preço! Em tudo que fazem visam este bem maior. Porém, pelos seus esforços somente, devido a sua incapacidade, eles não conseguem alcançar este bem maior.

> [...] de infelicidade em infelicidade, **(procurando a felicidade)** conduz-nos até a morte, que é o seu teto eterno. [...] a marca e o traço do vazio, que ele tenta inutilmente encher de tudo o que o rodeia, procurando nas coisas ausentes o socorro que não obtém das presentes, embora aquelas sejam incapazes de socorrê-lo, porque esse abismo infinito só pode ser preenchido por um objeto infinito e imutável, isto é, pelo próprio Deus (Pascal, 1984, frag. 425, grifo nosso).

Para Pascal, somente Deus pode conduzir o homem à verdadeira felicidade, somente Ele "é o verdadeiro bem". Quando o homem abandona Deus nada o pode substituir, nada do que existe na natureza é capaz de lhe tomar o lugar. Perdido esse bem Absoluto, "tudo pode parecer-lhe esse bem, indiferentemente, até a autodestruição, embora tão contrária a Deus, à razão e à natureza inteira" (Pascal, 1984, frag. 425).

E aqui entra a grandeza do homem, ou seja, o pensar corretamente. O pensamento correto de que nos fala Pascal auxilia-nos a reencontrar a felicidade perdida na queda adâmica, nossa "primeira natureza". É o instrumento de que dispõe o homem para resgatar sua antiga natureza perdida. "El pensamiento es a la vez grandeza y miseria; contradición que nos abre a la Dios, para que El nos sane y consuele"[12] (Sciacca, 1955, p. 183).

É no Absoluto que a problemática do homem em Pascal é solucionada, mas não no absoluto dos filósofos, dos sábios, mas no Absoluto bíblico: "Não se trata de um Deus autor das verdades geométricas, ou garante de veracidade dedutiva, como em Descartes, mas do Deus de Abraão, Isaac, Jacob, de um Deus que tem história e que pertence à história, de um Deus que enche o coração do homem e interiormente lhe faz sentir a sua miséria" (Santos, 1953, p. 209). Deus é primaz e central na conversão humana, pois é Ele que se mostra e proporciona ao homem sua conversão do princípio ao fim; antes que o homem se volte para Deus, é Deus primeiramente que se volta ou se inclina sobre o homem e isso proporciona a conversão ou aniquilação: o homem diante de Deus se vê como o nada que é e há a oposição fundamental entre criatura e Criador. Mas Deus não impõe isso ao homem, pois o homem é livre e se converte segundo sua vontade. Daí, dizemos que a conversão do homem tem seu princípio e seu centro em Deus, e por Ele não impor isso à criatura, ele não anula inteiramente sua subjetividade. Por isso, a conversão, ou seja, o conhecimento da miséria e, por conseguinte, a aniquilação, são necessários para que a graça aconteça. E é na graça gratuita de Deus que o homem alcança a felicidade:

> El hombre aspira a Dios, pero no tiene la capasidad de alcanzarle sin el concurso de la gracia. El hombre tiene la posibilidad de salvarse, pero por si solo no puede traducir en realidad tal posibilidad. Para su salvación, el problema máximo y

[12] "O pensamento é por vez grandeza e miséria; contradição que nos abre a Deus, para que ele nos cure e console" (tradução livre).

> absoluto del hombre, es necessária la intervención sobrenatural[13] (Sciacca, 1955, p. 21).

Para que a graça de Deus atinja o coração humano, a única condição necessária é o aniquilamento, ou seja, é o reconhecer-se miserável e por isso, necessitado de Deus. Pascal afirma a necessidade dos homens conhecerem-se a si mesmos, tais como são, "indeléveis sem a graça", miseráveis! E é o pensamento que lhe ajuda a se conhecer. Somente quando o homem se reconhecer miserável é que ele alcançará a graça e com ela reatará a amizade com Deus, que é sua felicidade. Deus é "o reparador de nossa miséria. Assim, não podemos conhecer bem Deus senão conhecendo nossas iniquidades. Por isso, os que conheceram Deus, sem conhecer sua própria miséria, não o glorificaram, mas se glorificaram" (Pascal, 1984, frag. 547).

Como vemos, a solução filosófica do problema do homem pascaliano vai de encontro à solução religiosa. Segundo Pascal (1984), a religião cristã é a única que satisfaz o homem e resolve essa problemática do paradoxo antropológico. O Mistério da Encarnação e da Redenção nos mostra que há um Deus que assumiu a nossa condição humana e a quem os homens têm acesso:

> É preciso que, para tornar o homem feliz, ela lhe mostre que há um Deus; que somos obrigados a amá-lo; que nossa verdadeira felicidade é estar nele, e o nosso único mal estar separado dele; que reconheça que estamos cheios de trevas que nos impedem de conhecê-lo e de amá-lo; e que, assim como os nossos deveres nos obrigam a amar a Deus, e as nossas concupiscências nos desviam dele, estamos cheios de injustiça. É preciso que nos dê satisfação dessas nossas oposições, em relação a Deus e ao nosso próprio bem; é preciso que nos ensine os remédios para essas impotências e os meios de obter esses remédios. Examinem-se, a esse respeito, todas as religiões do mundo e veja-se se há alguma que satisfaça a todos esses requisitos, como a cristã (Pascal, 1984, frag. 430).

Por isso Pascal diz ser o "coração" o lugar onde o homem sente Deus e não a razão. É o "coração" a sede da fé, da religião, que corresponde às exigências da natureza humana e o satisfaz. "É o coração que sente Deus, e não a razão. Eis o que é a fé: Deus sensível ao coração, não a razão" (Pascal, 1984, frag. 278). Para Pascal, a explicação da fé não se enquadra dentro do método geométrico-matemático (método que Descartes pretendia aplicar a todas as ciências, inclusive às humanas), aqui a compreensão se dá pelo *espírito de finese,* que a razão não consegue explicar: "o coração tem razões que a própria razão

[13] "O homem aspira a Deus, mas não tem a capacidade de alcançá-lo sem o concurso da graça. O homem tem a possibilidade de salvar-se, mas por si só não pode traduzir em realidade tal possibilidade. Para sua salvação, o problema máximo e absoluto do homem, é necessária a intervenção sobrenatural." (tradução livre).

desconhece", esclarece Pascal. O conhecimento da Redenção, revelada por Jesus Cristo ao homem, foi dado por sua misericórdia; assim, é necessário crer, pois está no âmbito da fé. Sem a aceitação dessa misericórdia divina o homem não resolve o problema da vida. E segundo Pascal (1984), esse conhecimento sem a fé em Cristo é inútil e estéril, pois nosso filósofo não tem a menor pretensão de provar a fé (e nem o poderia fazê-lo), ou seja, a existência de Deus, a imortalidade da alma ou qualquer verdade desse tipo por razões naturais, daí a necessidade do "coração", do *esprit de finesse.*

O homem, o grande rei destronado, o grande senhor falido que caiu de seu estado, agora poderá rever sua situação no silêncio, na procura de se auto conhecer, no "repouso"; e aí se verá envolto em sua miséria, em sua desgraça, em sua condição atual. Verá que sem o auxílio divino não é nada. A angústia, a solidão e o tédio o dominarão, mas é nessa condição de aniquilamento, necessária para a graça, que ele se reconhecerá Grande e Miserável. Adentrando em si, em profundo reconhecimento de sua realidade, se enxergará tal como ele é, miserável sem Deus, mas perceberá que poderá ser grande e feliz (sua grande busca) em Deus.

> O conhecimento de Deus sem o da própria miséria faz o orgulho. O da própria miséria sem o de Deus faz o desespero. O conhecimento de Jesus Cristo encontra-se no meio, porque nele encontramos Deus e nossa miséria (Pascal, 1984, frag. 527). Jesus Cristo é um Deus do qual nos aproximamos sem orgulho e diante do qual nos abaixamos sem desespero (Pascal, 1984, frag. 528).

Agora podemos responder à pergunta do início de nosso capítulo – O que é o homem? Não é anjo nem fera, é tudo e nada, é sentimento ("coração") e razão, é desespero e esperança, é Grandeza e Miséria. Paradoxo! Eis o homem concreto, o homem inseguro, o homem inquieto, o homem que se sabe apenas homem. O homem pascaliano!

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de alcançar um "retrato" do homem na filosofia de Blaise Pascal, nos deparamos com a dualidade ou a visão paradoxal de sua concepção antropológica: o ser humano é ontologicamente um misto de Miséria e Grandeza.

Partindo do pressuposto de que somente a razão não possui as condições necessárias para encontrar o fundamento do homem, visto que esta ou só nos leva a conhecer sua grandeza ou a sua miséria, Pascal busca este fundamento para além da filosofia, na Teologia. Ele parte então das verdades reveladas, visto que nestas é possível a conciliação das duas naturezas distintas do homem (Grandeza e Miséria) num mesmo sujeito. Do ponto de

vista da racionalidade somente, isso seria impossível, pois seria considerado uma realidade contraditória.

O homem era possuidor de uma natureza sadia, mas pelo pecado do orgulho, que consistia no seu querer igualar-se a Deus, Este (Deus) o abandonou ao seu amor próprio, deixando no Seu lugar um vazio infinito que o atormenta em todas as ações de sua vida. Com isso, o homem traz em si a marca do vazio, do nada, pois perdeu o objeto de seu amor infinito, mas ele ainda conserva em si o desejo universal (traços de sua primeira natureza) de conhecer e ser feliz.

Na busca incessante pela felicidade e verdade, o homem percebe diante de si sua miséria e para não pensar nela, se lança no divertimento (fuga de si e maior de suas misérias), pois pensar em si lhe causa tremenda angústia. Assim, aquilo que o homem julga ser sua felicidade o leva a lançar-se fora de si para não ver seu verdadeiro eu. O divertimento torna-se necessário para mantê-lo sempre ocupado e distraí-lo, livrando-o assim da angústia, do tédio. Mas só em Deus o homem se completa. E há somente um meio pelo qual ele poderá reatar os laços perdidos com seu Criador: reconhecendo-se miserável e imperfeito. Segundo pascal, é somente pelo pensamento, sua grandeza maior, é que o homem pode alcançar a consciência de sua condição miserável e novamente reatar os laços com Deus. Assim, o homem se torna grande reconhecendo-se miserável, e reconhecendo-se miserável ele se aniquila, e aniquilando-se Deus se inclina sobre ele e o concede livremente a graça que o eleva à sua primeira condição e preenche seu vazio.

Pascal nos remete ao homem real, concreto, inseguro e inquieto. Ao homem moderno que perdeu seu lugar com a infinitização do universo. Antes, na visão medieval, o homem tinha seu lugar determinado, mas agora, no século de Pascal (no período moderno) o homem se vê só e confuso, “o silêncio dos espaços infinitos o apavora”, ele se sente como um pequeno ponto na infinitude do cosmos. Daí a precaução de Pascal em não limitar ou categorizar o homem e optar pelo paradoxo. Pascal descreve o homem no seu todo com seus sentimentos, sua razão, sua miséria e sua grandeza.

Assim, nosso filósofo se destaca pelo seu original pensamento, e ao contrário dos outros filósofos (Descartes, por exemplo) que pretendiam chegar a uma verdade certa confundindo ordenação com sistematismo unitário, na tentativa de reduzir à unidade o que é plural, Pascal prefere se servir do “*esprit de finesse*”, que fê-lo ver que a verdade não está na unificação, ou busca de unidade, mas na ordenação e coordenação da diversidade.

Para Pascal, não podemos reduzir a natureza humana classificando o homem apenas pela sua razão ou apenas pelos seus instintos ou destacando apenas sua grandeza ou sua baixeza, como muitos filósofos fizeram. Isso seria uma visão superficial e ilusória do homem. O ser humano é um ser composto e complexo. Ressaltar um aspecto e ignorar outros é o mesmo que mutilar o próprio homem.

Ao adentrarmos nos pensamentos de Pascal, pudemos perceber que apesar do tempo que nos distancia dele, as suas ideias antropológicas são tão pertinentes e atuais que nos dá a falsa impressão de que ele é nosso contemporâneo. Seu pensamento se faz vivo na sociedade hedonista de hoje, mergulhada no divertimento e na falta de sentido da vida. A incompletude do homem, constatada e refletida por Pascal, se revela nos homens de todos os tempos que buscam incessantemente a felicidade e a verdade nos objetos, que como o próprio homem, são passageiros. O homem de hoje, assim como o de ontem, procura a felicidade a qualquer custo, mas não a encontra ou se a encontra é mera passagem, pois a procura onde ela não está. Procura na criatura quando esta está no seu Criador. O que na verdade o homem busca é um ser universal e Absoluto, que seja capaz de sanar sua ânsia infinita que somente o infinito poderá completar; é só no desprendimento de si e no encontro com o Absoluto, ou seja, com Jesus Cristo, que o homem pode se realizar.

Pascal nos mostrou o homem que somos para que desse conhecimento pudéssemos chegar à realidade de que fomos feitos para Deus (reparador de nossas misérias), estamos num itinerário para Deus. Nossa grandeza e felicidade plena, nosso sentido de viver está com Ele e Nele.

REFERÊNCIAS

BRITO, Ana Paula Gonçalves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SILVA, Brunna Alves da. A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação. **Cadernos da FUCAMP**, [S.l.], v. 20, n. 44, p. 1-15, 2021. Disponível em: https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2354?utm_source Acesso em: 7 set. 2026.

CANTO, Eduardo Leite. PERUZZO, Francisco Miragaia. **Química na Abordagem do Cotidiano.** 2. ed. São Paulo: Moderna, 1998.

CASTRO, Antônio Mauro Muanis de. Dialética, Paradoxo e o Enigma do Homem em Pascal. **Veritas**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 4, p. 979-983, dez. 1998. http://doi.org/10.15448/1984-6746.1998.4.35467. Disponível em: Veritas – PUCRS. Acesso em: 7 set. 2026

MARQUES, Jordino. Algumas Observações sobre o Pessimismo de Pascal. **Fragmento de Cultura**, Goiânia, v. 12, p. 59-72, out. 2002.

MARTINS, Breno Silva. O conceito do *divertissement*: reflexões filosóficas sobre a antropologia de Blaise Pascal. **Revista Filoteológica**, 2023. Disponível em: https://revistafiloteologica.com.br/RFTCF/article/view/96. Acesso em: 7 ago. 2026.

MAURIAC, François. **O Pensamento Vivo de Pascal.** São Paulo: Martins, 1967.

NASCIMENTO, Juçara dos Santos. **Paradoxos do Homem:** um estudo sobre a condição humana em Pascal. 2006. 111f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/server/api/core/bitstreams/0f94886a-69c2-4dc5-8e8d-ea80eacfeb22/content Acesso em: 10 ago. 2026.

OLIVA, Luís César Guimarães. As reviravoltas do divertimento em Pascal. **Kriterion**, [S. l.], v. 62, n. 149, jan./abr. 2021. https://doi.org/10.1590/0100-512X2021n14908lcgo. Disponível em: https://www.scielo.br/j/kr/a/ks3Rs5dZtDTDGW8c3T7ywYL/?lang=pt. Acesso em: 18 set. 2026.

PARRAZ, Ivonil. O existencialismo em Pascal. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 26, n. 1, 2003. Disponível em: http://doi.org/10.1590/S0101-31732003000100005. Acesso em: 7 set. 2026

PASCAL, Blaise. **Pensamentos.** 3. ed. São Paulo: Abril Cultura, 1984. (Coleção Os Pensadores).

ROCHA, Arlindo Nascimento. **Paradoxos da condição humana:** grandeza e miséria humana como paradoxo fundamental na filosofia de Blaise Pascal. 2016. 330 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/19558/2/Arlindo Nascimento Rocha.pdf?utm_source. Acesso em: 7 set. 2026.

ROCHA, Arlindo Nascimento. Blaise Pascal: desejo e divertimento como fuga de si mesmo na antropologia pascaliana. **Diversidade Religiosa**, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 241-259, 2017. http://doi.org/10.22478/ufpb.2317-0476.2017v7n1.32675. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/dr/article/view/32675?articlesBySimilarityPage=2&utm_source Acesso em: 7 set. 2026.

REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia:** do humanismo a Kant. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1990. v.2.

ROVIGHI, Sofia Vanni. **História da Filosofia Moderna:** da revolução científica a Hegel. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SANTOS, Delfim. Humanismo em Pascal. **Revista Brasileira de Filosofia**, São Paulo, v. 3, n. 10, p. 199-212, abr./jun. 1953.

SCIACCA, M. Federico. **Pascal.** Barcelona: Luis Miracle, 1955.